Universidades Lusíada

Ferreira, Nuno Simão Miranda Guerra da Silva

A pós-contemporaneidade e a Europa

http://hdl.handle.net/11067/1126

Metadados

Data de Publicação 2014-09-15

Resumo O meu intuito com a presente reflexão visa por um lado, detalhar o significado de Pós-Contemporaneidade e, por outro lado, abordar as diversas contribuições filosóficas que focam a decadência / declínio europeu de forma a concebermos o Homem na Contemporaneidade como um ser angustiado e complexo. Pretendo, ainda, com a alusão ao paradigma cultural da pós-colonialidade e da pós-modernidade explicitar a descentração e a subsequente, produção cultural das margens/periferias do mundo contemporâneo r...

Palavras Chave Pós-modernismo, Pós-colonialismo, Europa - Civilização - Filosofia

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 09-10 (2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T03:50:14Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

A PÓS-CONTEMPORANEIDADE E A EUROPA

Nuno Simão Ferreira
nunosf@iol.pt

13-Nuno Simão ferreira.indd 275 05-06-2014 12:02:47

Resumo

O meu intuito com a presente reflexão visa por um lado, detalhar o significado de Pós-Contemporaneidade e, por outro lado, abordar as diversas contribuições filosóficas que focam a decadência/declínio europeu de forma a concebermos o Homem na Contemporaneidade como um ser angustiado e complexo. Pretendo, ainda, com a alusão ao paradigma cultural da pós-colonialidade e da pós-modernidade explicitar a descentração e a subsequente, produção cultural das margens/periferias do mundo contemporâneo relacionada com os conceitos essenciais in-between/entrelugar e estado híbrido.

Abstract

My intention with this reflection aims on the one hand, detailing the meaning of Post-Contemporaneity and, on the other hand, addressing the various philosophical contributions that focus on the decay / european decline in order to conceive in Contemporary man as a being distressed and complex. I want also to mention the cultural paradigm of post-colonialism and post-modernity explicit decentration and subsequent cultural production margin / periphery of the contemporary world related to the essential concepts and in-between and hybrid state.

Palavras-Chave: Contemporaneidade, Pós-Colonialidade, Pós-Modernidade, "Decadência do Ocidente", In-Between/Entrelugar

Keywords: Contemporary, Post-Coloniality, Post-Modernity, "Decline of the West ", In-Between.

13-Nuno Simão ferreira.indd 277 05-06-2014 12:02:47

«A Europa perdeu por completo o seu anterior prestígio moral na Ásia. Já não é considerada campeã no mundo do comportamento justo e expoente de princípios elevados, mas defensora da supremacia da raça ocidental e exploradora daqueles que vivem fora das suas próprias fronteiras»

(Rabindranath Tagore)

«Perdeu-se para sempre toda a esperança de reconciliar a Índia com o Império Britânico. Compreendo que um governo qualquer pode prender pessoas e castigá-las, por infracções da lei, mas não consigo compreender como é que se intitula civilizado pôde tratar com tanta selvajaria e brutalidade homens não-violentos e que não ofereceram resistência, como fizeram esta manhã os britânicos»

(V.J. Patel, chefe do swaraj durante a detenção de Gandhi)

A evolução da ciência histórica suscitou no século XX a oposição entre os filósofos do progresso e os filósofos da decadência, da fatalidade e do eterno retorno.

O primeiro quarto do século XX não realizou a paz desejada e não parecia evidente que a evolução social assegurasse ao indivíduo uma liberdade crescente.

Spengler é o mais paradigmático dos filósofos pessimistas[1]. "A Decadência do Ocidente" é a obra mais apreciada no fim da I Guerra Mundial e, segundo o autor, a Europa que, na sua ascensão concebera o mito do progresso, recusava-o no presente de então. O século XX caracterizar-se-ia pelo cansaço da Europa e pela ascensão de novos impérios. Seria, pois, à luz da sua decadência que a Europa interpretaria no pós-I Guerra Mundial a história antes imaginada à luz da sua esperança.

Eis a definição do conceito de civilização de Spengler:

«La decadencia de Occidente, considerada así, significa nada menos que el problema de la civilización[2]*.*

(...) la civilización es el extremo y más artificioso estado en que puede llegar una especie superior de hombres. (...) Es un final irrevocable, el que se llega siempre de nuevo, con íntima necesidad. Sólo así puede comprenderse a los romanos, en cuanto sucesores de los griegos»[3].

Para Spengler a história das culturas superiores ofereceria três exemplos de formações políticas plenas de cuidadosa solicitude: a administração egípcia do Império Antigo, o Estado Chinês primitivo dos Chu e os Estados Ocidentais,

[1] O pessimismo de Spengler é completo: a vontade humana não poderia inverter o curso fatal das coisas.

[2] Para Spengler a civilização era o destino inevitável da cultura. A cultura seria um organismo e a história universal seria a sua biografia. Assim, a história da cultura chinesa seria morfologicamente a correlação exacta da pequena história de um indivíduo, de um animal, de uma árvore.

[3] SPENGLER, Oswald, *La Decadencia de Occidente. Bosquejo de una Morfología de la Historia Universal. Traducido del Alemán por Manuel G.Morente*, 6ª ed., vol.I, "Forma y Realidad", Madrid, Espasa-Calipe, 1944, pp.54 e 55.

13-Nuno Simão ferreira.indd 279 05-06-2014 12:02:47

cuja constituição previdente demonstra uma vontade de futuro que não poderá ser superada[4].

A influência de Toynbee depois da II Guerra Mundial é comparável à de Spengler depois da I. Como Spengler, Toynbee partiu da hipótese da decadência do Ocidente. Enquanto o século XIX via no Ocidente a civilização suprema, Toynbee compreendeu a sua relatividade, considerando que a expansão do Cristianismo ocidental apenas preenchera o último estádio do processo histórico unificador do mundo e a supremacia do Ocidente no pós-II Guerra Mundial, não manter-se-ia por certo.

Toynbee desocidentalizou a perspectiva histórica e, poderemos detectar aí a expressão da «*decadência do Ocidente*». No seu estudo o autor dá voz à história e cultura dos «outros» e chega às seguintes conclusões:

- o modo de vida ocidental seria mais estranho aos hindús do que comparativamente com os russos e muçulmanos porque o hinduísmo teria uma influência mínima de elementos gregos e judeus que constituem, aliás, a herança comum do Islão, da Rússia e do Ocidente;

- o Extremo Oriente teria, ainda, menos em comum com o Ocidente, tendo somente chegado o legado clássico e judaico pelo budismo;

- o contacto entre Extremo-Oriente e Ocidente foi pautado por um misto de sentimentos- fascínio e repulsa, tendo o último acabado por triunfar.

Para Toynbee o Ocidente atacara o mundo ao longo de 400 a 500 anos de História e de forma dura. Assim, a reacção dos povos asiáticos e da Rússia contra a civilização ocidental não seria senão a resposta ao ataque ocidental. No entanto, ainda, ia sobrevivendo resquícios da preponderância ocidental nas relações com o Oriente:

- a guerra sino-soviética a expensas do Ocidente;

- o nacionalismo ocidental permanecera na Índia descolonizada de forma a dividir o subcontinente, outrora unido, dividido em dois Estados: a União Indiana (hindú) e o Paquistão (muçulmano).

O título da obra "O Mundo e o Ocidente"[5] é sintomático, segundo a visão de Toynbee, pelo Ocidente não ter sido o único actor da História moderna, nem sequer durante o apogeu do poder ocidental.

Através destas propostas filosóficas de Spengler e de Toynbee, percepcionamos que o pensamento contemporâneo é o reflexo de um mundo em crise, sobretudo o do ocidental. Contemporâneo, aqui, não se deve entender num sentido cronológico demasiado estreito. Entenda-se por contemporâneo tudo o que conserva uma actualidade, uma virulência e uma possibilidade de futuro.

Crise política, crise económica, crise da ciência e das artes, tudo concorreu para fazer do Homem do século XX um ser inquieto, preocupado com o futuro e angustiado ante a imagem própria.

[4] V. Anexos: imagens típicas do euro-centrismo triunfante.

[5] TOYNBEE, Arnold, *El Mundo y el Occidente. Prólogo y traducción de L.Rodríguez Aranda*, Madrid, Aguilar, 1955.

13-Nuno Simão ferreira.indd 280 05-06-2014 12:02:47

Sob o signo da pós-colonialidade e da pós-modernidade foram submetidas à análise todas as tradições, todos os valores do Ocidente, as normas da moral, da ciência e da arte. Por vezes, sem objectivo concreto e sem a devida convicção, apenas porque o Homem, acometido pela vertigem da liberdade, já não podia suportar os entraves e os grilhões mentais, sociais e religiosos do passado.

> *«Cansadas ou patéticas, muitas vozes nos dizem que, de qualquer maneira, tudo está perdido! Não terão as duas guerras deste século (XX) posto termo ao primado europeu e talvez mesmo ocidental?*
>
> *(…) Incertos de tudo, a não ser do nosso ponto de partida, somos livres, aliás, para pensar o futuro segundo as nossas forças. Nenhuma época viveu mais contraditoriamente. Será um tempo de agonia ou um exaltante nascimento? Só a amplidão e a profundidade da mutação se impõem.*
>
> *Todos sabem o que é a angústia contemporânea. Dir-se-ia, por vezes, que a nossa época fechou o círculo de todos os monstros em volta do nosso abandono. Do Deus morto, da razão recusada, de um cosmos e de uma história ininteligíveis surge uma sombra onde se revela o nosso nada: o homem experimenta-se na angústia do seu desamparo, que já não é senão vazio, vazio liberdade-para-a morte. Alguma coisa, no entanto, enche esse vazio: os nossos monstros.*
>
> *Separado de todas as crenças que o ajudavam a viver, o homem encontra-se desamparado. Anónimo no anonimato da grande cidade, submetido a uma impiedosa concorrência sem rosto, tendo perdido a sua integração natural num meio social orgânico e a base das tradições, sem ritos, sem mitos, sem ilusões, morrendo no frio na morte das lendas, abandonado pelas abelhas de Aristeu, ele é vida inautêntica, consciência nervrosada, consciência infeliz, consciência culpada. A lucidez é a nossa única arma, mas implacavelmente destruidora: vemo-nos demasiado bem para nos amarmos»*[6].

Parece-me importante reter um dado na nossa reflexão a propor: a ideia de crise civilização ocidental advém da ideia de declínio, na qual vemos amiudadas vezes a razão da História Eurocêntrica. Caryl Phillips advogou, aliás, o declínio da Europa na segunda metade do século XX e, que por sua vez, a então Comunidade Económica Europeia seria uma extensão desse mesmo declínio.

> *«Europe's global preeminence has disappeared during the second half of Twentieth century, but the emergence of the somewhat unstable European Economic Community, a loose grouping of western European countries who are learning to cling to each other across old enmities, suggests the extent of Europe's decline»*[7].

Através dos estudos culturais na contemporaneidade, seguindo o paradigma da pós-colonialidade e da pós-modernidade, poderemos falar de culturas dentro e fora, de fronteiras, de lugares, de identidades? Sabemos, no entanto, que

[6] PICON, Gaeton, "Introdução", *Panorama das Ideias Contemporâneas*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, s.d., pp.23 e 24.

[7] PHILLIPS, Caryl, "The European tribe", em "Estudos Europeus, Identidade e Minorias" Textos de Apoio- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, p.8.

13-Nuno Simão ferreira.indd 281 05-06-2014 12:02:47

é certo uma crise da centralidade, que há um processo de descentramento e que essa mesma crise afecta e modifica a ideia de periferia. Existe, pois, um hibridismo e in-betweeness.

Akil Gupta e James Ferguson esclarecem-nos acerca da interessante dicotomia entre lugares e identidades:

> *«(…) o debate sobre identidade colectiva parece assumir, hoje, um carácter especial, quando vivemos cada vez mais no que Said (1979) chamou de "uma condição generalizada de sem-tecto", em um mundo onde as identidades estão--se tornando cada vez mais, senão totalmente, desterritorializadas, ao menos territorializadas de maneira diferente.*
>
> *(…) Quando o "aqui" e o "lá" ficam assim embaçados, as certezas e fixações culturais da metrópole são perturbadas tanto- senão da mesma forma- quanto as da periferia colonizada. Nesse sentido, não são apenas os deslocados que experimentam uma deslocalização (cf. Bhabha 1989, p.66), pois até mesmo quem permanece em locais familiares e ancestrais vê mudar inelutavelmente a natureza de sua relação com o lugar e romper-se a ilusão de uma conexão essencial entre lugar e cultura»*[8].

Homi Bhabha na introdução de "Locations of Culture" supõe que ao colocarmos a questão no além, estaremos a viver as fronteiras do presente para as quais não parece existir nomes próprios senão no uso do prefixo "pós": «postmodernism, postcolonialism, postfeminism». A esfera do além não nos indica uma superação do passado ou uma escalada rumo ao futuro, mas de um lugar e de um momento de trânsito, um processo contínuo que produz incessantemente esse mesmo trânsito.

Homi Bhabha, assim, define-nos um dos *leit-motiv* da sua reflexão, o que designa por in-between ou o "entrelugar" das culturas, que estariam precisamente nas fronteiras ou nos interstícios e, que simultaneamente, articularia as temporalidades e as espacialidades da contemporaneidade: tempos e espaços diversos nos quais se irão confrontar permanentemente presente e passado, modernização e tradição, tecnologia e natureza, nas quais se irão desafiar as expectativas normativas do desenvolvimento e do progresso.

Ao promover esse confronto, a noção in-between acarreta uma reordenação da modernidade cultural, a distinção entre original e cópia, a oposição entre tradição e novidade.

> *«What is theoretically innovative, and politically crucial, is the need to think beyond narratives of originary and initial subjectivities and to focus on those moments or processes that are produced in the articulation of cultural differences. These "in-between" spaces provide the terrain for elaborating strategies of selfhood- singular or communal- that initiate new signs of identity, and innovative sites of collaboration, and contestation, in the act of defining the idea of*

[8] GUPTA, Akil e FERGUSON, James, "Mais além da "Cultura": Espaço, Identidade e Política da Diferença", em *Estudos Europeus, Identidade e Minorias. Textos de Apoio*- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, pp.78 e 79.

13-Nuno Simão ferreira.indd 282 05-06-2014 12:02:47

society itself.

It is in the emergence of the interstices- the overlap and displacement of domains of the difference- that the intersubjective and collective experiences of nationness, community interest, or cultural value are negotiated»[9].

O conceito *in-between* é particularmente importante para compreendermos a contemporaneidade periférica, que surge dos embates vividos nas margens das fronteiras/interstícios culturais. Embora, a ideia de periferia sugira-nos a existência de uma centralidade já apelidada de obsoleta, simultaneamente a cultura periférica emerge do contemporâneo como o instrumento principal de desestabilização do centro.

O entrelugar/*in between* será, portanto, um espaço-tempo em essência periférica, sendo por excelência o cenário de diversos embates político-culturais da contemporaneidade.

A delimitação do espaço-tempo diverso do in-between implica a discussão do descentramento identitário ocorrido na pós-modernidade. Um dos temas mais recorrentes da teoria contemporânea parece ser o da quebra das identidades, sejam elas culturais, nacionais e individuais. A discussão sobre a identidade vai ser fundamental para a própria constituição do conceito de pós-modernidade.

A pós-modernidade é relevante para o debate sobre as culturas periféricas justamente porque oferece alternativas para a incessante procura da identidade na periferia mundial. A dualidade margens-centro sempre foi um dos principais componentes da identidade periférica e remete-nos teoricamente para o problema da diferença.

Em última instância a categoria pós-moderno beneficiou de uma componente da interpretação da identidade periférica que é mais aberta, mais multifacetada do que os anteriores esquemas dialécticos: metrópole/colónia e europeu/indígena. As identidades periféricas passam a ser definidas e discutidas por meio da noção de hibridismo.

«Postcoloniality, for it's a part, is a salutary reminder of the persistent "neo-colonial" relations within the "new" world order and the multinational division of labour. (…) Beyond this, however, postcolonial critique bears witness to those countries and communities- in the North and the South, urban and rural- constituted, if I may coin a phrase, "otherwise than modernity". Such cultures of a postcolonial contra-modernity may be contingent to modernity, discontinuous or in contention with it, resistant to it's oppressive, assimilationist technologies»[10] .

O hibridismo passa a denominar o carácter diverso da cultura contemporânea mundial, em especial em regiões marcadas pela existência de várias identidades/origens: ameríndia, europeia, asiática, entre outras e de várias tem-

[9] BHABHA, Homi, "Locations of Culture", em Estudos Europeus, *Identidade e Minorias Textos de Apoio*- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, pp.66 e 67.

[10] BHABHA, Homi, "Locations of Culture", em Estudos Europeus, *Identidade e Minorias Textos de Apoio*- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, pp.68.

13-Nuno Simão ferreira.indd 283 05-06-2014 12:02:47

poralidades: pré-industrial, moderna e, ainda, pela possibilidade da abolição de fronteiras entre a cultura erudita, popular e de massas.

> *«"in the beyond" is also, (…), to be part of a revisionary time, a return to the present to redescribe our cultural contemporaneity; to reinscribe our human, historic commoanlity; to touch the future on it's hither side.*
>
> *(…) The borderline work of culture demands an encounter with "newness" that is not part of the continuum of past and present. It creates a sense of the new as an insurgent act of cultural translation.(…) it renews the past, refiguring as a contingent "in-between" space, that innovates and interrupts the performance of the present. The "past-present" becomes part of the necessity, not the nostalgia, of living»*[11].

O *in-between*/entrelugar e a ideia do estado híbrido apontam para que o hibridismo possa ser inerente às identidades periféricas como uma espécie de antecedente e de pressuposto para a constituição dos conceitos como pluralismo, multiculturalismo e pós-moderno na metrópole.

> *«O Outro que emerge no final dos anos 80 nos cursos universitários europeus e norte-americanos é, sobretudo, o "Terceiro Mundo" (claro, também a mulher, os gays e lésbicas, os negros…). E em especial assuntos concernantes às relações entre "Império" e "Colónias" ou "ex-colónias".*
>
> *As teorias culturais contemporâneas estão indissoluvelmente impregnadas por esse interesse pelo Outro, pela diferença, interesse que tem diversas naturezas ("científicas", culturais, mercadológicas…) e onde todas podem conviver numa mesma teoria e num mesmo teórico.*
>
> *É uma espécie de dever do crítico de cultura, do teórico da contemporaneidade, resgatar o projecto do discurso da diferença, vendo no entrelugar- concebido não mais como inversão do cânone, como "privilégio" da periferia- as possibilidades de diálogo entre culturas. Seria o acto transgressor (no melhor sentido) da tradução cultural, como a define Bhabha»*[12].

Ash Amin dá-nos uma possível ideia da futura Europa, projectada na ideia de criação de uma cidadania trans-europeia, em que todos os que residem na Europa terão a possibilidade do benefício da cidadania europeia. Trata-se, pois, de uma Europa com identidades híbridas, de plurais e de estranhas pertenças.

> *«Alternatively, it can recognize the coming Europe of plural and hybrid life. Alternatively, it can recognize the coming Europe of plural and hybrid cultures and affiliations and seek to develop an imaginary of becoming European through engagement with the stranger, in ways that imply no threat to tradition and cultural autonomy»*[13].

---

[11] BHABHA, Homi, "Locations of Culture", em *Estudos Europeus, Identidade e Minorias Textos de Apoio*- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, p.69.

[12] PRYSTHON, Ângela, "Margens do mundo: a periferia nas teorias do contemporâneo", Revista *Famecos*, nº 21, Porto Alegre, 2003, p.49.

[13] AMIN, Ash, "Multi-ethnicity and the Idea of Europe", em *Estudos Europeus, Identidade e Minorias" Textos de Apoio* - Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, p.489.

13-Nuno Simão ferreira.indd 284 05-06-2014 12:02:47

Nesta proposta há um retomar dos olhares dos outros e da diferença. O princípio da mutualidade efectiva, em que tanto o acolhedor como o acolhido se vêem como iguais porque o europeu nem sempre esteve na Europa e já foi estrangeiro. Há que dar a todos europeus e imigrantes um sentimento de pertença, como por exemplo, um ser de origem afro e sentir-se simultaneamente europeu e outro ser de origem paquistanesa e sentir-se igualmente europeu. É como estar dentro e fora da Europa, tal qual aconteceu com Caryl Phillips, que vivia no Reino Unido, mas nasceu nas Índias Ocidentais.

> *«(...) the notion of mutuality as the keystone of cultural constitution in a multi-ethnic Europe. A familiar refrain in contemporary cultural theory and post-colonial writing is that identities are mutually and dialogically constituted»*[14].

Ash Amin renega a ideia da Velha Europa como sendo um espaço universal, de superioridade e de progresso e de um maniqueísmo eurocêntrico, que via o Ocidente como um espaço de paz, amor e de civilização e o Oriente como um espaço bélico, infantil, irresponsável e de comportamento tribal.

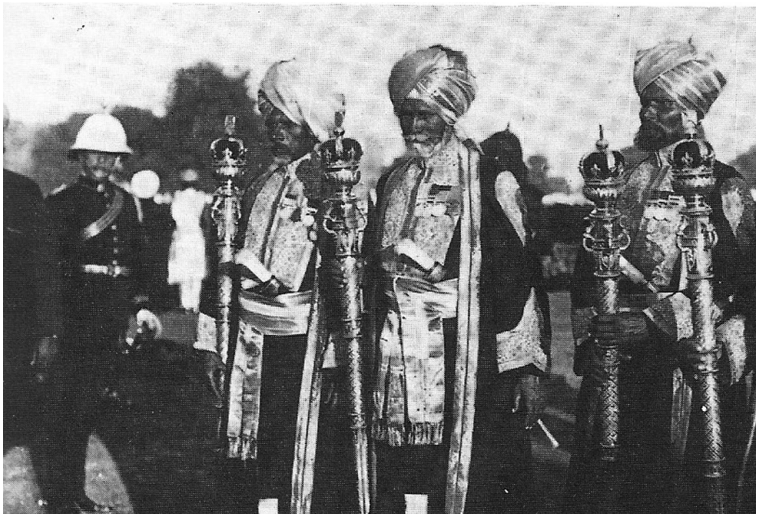
Em suma, tentámos no decurso do presente artigo abordar a questão do declínio ou da decadência da Europa patente no período entre as duas guerras mundiais, como transportando ela própria a origem do questionamento acerca da Europa como o centro do mundo, centro civilizacional e de progresso, pressupostos teóricos próprios da visão euro-cêntrica.

Com o ímpeto descolonizador, ocorrido primeiro na Ásia e depois em África, a visão pós-colonial começa a ser difundida primeiro nas ex-colónias europeias até chegar à própria Europa e, uma vez dado o questionamento que recaía em si mesma como o centro do mundo civilizado e de progresso, surge a visão pós-moderna que acentua, ainda mais, as dúvidas acerca de uma Europa triunfante e como centro civilizador, chamando a atenção para as culturas marginais ou periféricas, que podem ser muito produtivas e originais em termos de produção cultural. Daí que falar em in-betweeness, pressupõe que as culturas possam nascer nos múltiplos interstícios das zonas periféricas como seja ainda legítimo aspirarem a serem culturas comuns ou aceites universalmente.

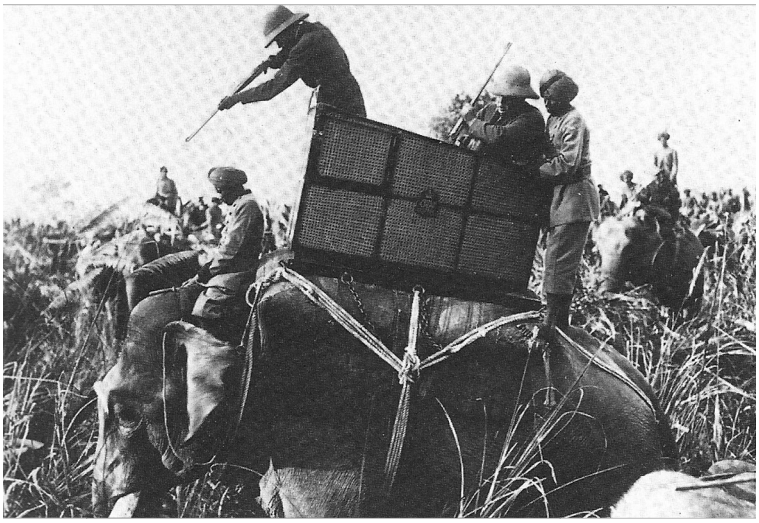
Tanto no paradigma cultural da pós-colonialidade como pelo da pós-modernidade passa a existir a descentração da Europa como o centro do mundo e à Ásia e à África é-lhes reconhecidas culturas próprias marcadas pela sua história, literatura, filosofia, tradições, religiões, costumes, devendo-se proceder à sua avaliação acerca das suas contribuições para a cultura e civilização universais.

[14] AMIN, Ash, "Multi-ethnicity and the Idea of Europe", em *Estudos Europeus, Identidade e Minorias Textos de Apoio*- Manuela Ribeiro Sanches", 2005/2006, p.500.

13-Nuno Simão ferreira.indd 285 05-06-2014 12:02:47



Maceiros fardados de escarlate e ouro numa cerimónia durbar (confirmação da coroação de príncipes indianos) em Deli, sob a administração britânica.



O Rei britânico, Jorge VI disparando por cima da cabeça de um elefante sobre um tigre deitado na palha. O seu grupo matou 39 tigres, 18 rinocerontes e 4 ursos.

13-Nuno Simão ferreira.indd 286 05-06-2014 12:02:47

Os "gentlemen" europeus tinham criados indianos que satisfaziam todos os seus desejos pessoais. Recebiam 4 xelins por mês (cerca de 25 cêntimos), menos de metade do salário pago pelo mesmo trabalho em Inglaterra. Esta fotografia antiga foi tirada em 1850 e mostra-nos um homem a ser barbeado pelo seu criado pessoal.

Todas as fotografias retiradas de NICHOLSON, Michael, *Mahatma Gandhi. O homem que libertou a Índia e transformou o mundo com a sua política de não-violência*, 1ª ed., Lisboa, Editora Replicação, 1990, pp. 9 e 10.

13-Nuno Simão ferreira.indd 287 05-06-2014 12:02:47

13-Nuno Simão ferreira.indd 288 05-06-2014 12:02:47